

“Ébano Lilás”: (re)trato do homem negro gay no cinema**"Ebony Lilac": (re)treatment of gay black men in cinema**Petrônio Pereira da SILVA¹José Washington de Moraes MEDEIROS²**Resumo**

Ao longo do processo histórico, a arte cinematográfica redimensionou seu próprio alcance e processos produtivo-comunicacionais, com uma linguagem e um complexo conjunto de recursos tecnológicos e de entretenimento singulares que, gradualmente, (re)afirma-se como bem artístico-cultural, desempenhando um papel relevante na construção da cultura e na difusão do pensamento humano. Isso posto, este artigo explora a imagética de homens negros *gays* no cinema, mapeando produções cinematográficas entre 2002 e 2022, nas plataformas *IMDb*, *Filmow* e *Letterboxd*. O texto entrelaça cinema, gênero, negritude e homossexualidade, fruto de uma pesquisa de campo, qualitativa e documental, recorte de uma Dissertação de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFPB). Foram mapeadas 32 produções cinematográficas cujos protagonistas são homens negros *gays*. Assim, a autenticidade dessas narrativas emerge como um princípio vital na representação de homens negros *gays* no cinema.

Palavras-chave: Cinema. Negritude. Gênero e sexualidade. Homossexualidade.

Abstract

Over the course of history, cinematographic art has resized its own scope and production-communication processes, with a unique language and a complex set of technological and entertainment resources that gradually (re)affirmed itself as an artistic-cultural asset, playing an important role in the construction of culture and the dissemination of human thought. Thus, this article explores the imagery of gay black men in cinema, mapping film productions between 2002 and 2022 on the *IMDb*, *Filmow* and *Letterboxd* platforms. The text interweaves cinema, gender, blackness and homosexuality, and is the result of a qualitative and documentary field research, part of a Master's Dissertation in Professional and Technological Education (ProfEPT/IFPB). There were 32 cinematographic productions mapped whose protagonists were gay black men. That said, the authenticity of these narratives emerges as a vital principle in the representation of gay black men in cinema.

Keywords: Cinema. Blackness. Gender and sexuality. Homosexuality.

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB). E-mail: petronio.pereira@academico.ifpb.edu.br

² Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). E-mail: jose-washington.medeiros@ifpb.edu.br

Introdução

O cinema, considerado a “sétima arte”, não apenas reflete comportamentos individuais e coletivos, como também propaga ideologias que podem tanto (re)afirmar a ordem de poder vigente, quanto (re)criar discursos alternativos, alinhados aos movimentos de contracultura. Em suma, o cinema desempenha um papel fundamental na construção da cultura e na disseminação de ideias, dimensionado pelo contexto capitalista em que se insere.

Isso posto, é possível afirmarmos que o cinema, como indústria cultural, também fomenta, dentre outros aspectos, o consumo contínuo e desregrado, e praticamente não há como desvencilhar sua representação/interação com diversos produtos artístico-culturais, como a literatura, o teatro, a música, a moda e, não diferente, o próprio cinema.

Na mesma esteira que faz do cinema um produto do sistema de poder vigente, o seu processo de (re)produção, como bem cultural, pode encarnar um viés naturalizante, isto é, pode-se representar a sociedade capitalista como algo natural e benéfico ou, do ponto de vista cotejador, é possível apresentar suas contradições e inflexões, cuja dialética também pode propiciar (re)modelagens de múltiplos sentidos à consciência crítica. De todo modo, faz-se preciso grafar que, independentemente do teor da produção cinematográfica, seu objetivo também perpassa por formas de lucratividade, aspecto que confere sobrevivência a qualquer tipo de indústria que opera sob a dinâmica do capital.

No decorrer de quase dois séculos, desde seu surgimento (BERNARDET, 2012), o cinema aperfeiçoou-se em todos os aspectos produtivos e conquistou amplo alcance, consolidando-se como veículo de comunicação sem precedentes, com uma linguagem e um complexo feixe recursivo-tecnológico e de lazer que, ao longo do tempo, conquistou o público.

Conforme já acentuado, a indústria cinematográfica tem como prioridade/objetivo o lucro. Por esse motivo, a depender do intuito da produção e do interesse do público, é possível que sejam produzidos filmes com *scripts* críticos à dinâmica do próprio sistema econômico-financeiro (capitalista), o que resvala nas possibilidades de enredos plurais, condizentes com a ideia de um segmento mais alternativo, mais livres de censuras (in)diretas.

Entretanto, segundo Viana (2013), essa é uma prática pouco recorrente, posto que um conteúdo mais alternativo, geralmente, não tem um largo apelo de público,

deveras, restringindo-se a nichos de mercado bem específicos.

Em virtude disso, o artigo em tela objetiva explorar a imagética de homens negros *gays* no cinema, a partir do mapeamento de produções cinematográficas desenvolvidas nas últimas duas décadas (de 2002 a 2022), no intento de ressaltar os aspectos de gênero, negritude, homossexualidade e marginalização presentes na composição dos personagens que performam as produções. Trata-se de um desdobramento de uma pesquisa de Mestrado (ProfEPT/IFPB), cuja gênese intenta conduzir o sujeito educativo, diante dos processos de ensino-aprendizagem, a refletir sobre o jogo de poder patriarcal que, articulado a pensamentos preconcebidos, demanda personagens *homens negros* e *gays* no cinema como dinâmica sociocultural subalterna e abjeta.

Homens negros *gays* e a imagética no cinema

A sociedade normativo-patriarcal³ parece encontrar dificuldades para lidar com as diferenças étnico-raciais, de gênero e sexuais. Em espaços sociais, a exemplo da escola, quando a hierarquia da ordem heterossexual está ameaçada, por exemplo, os discursos de opressão e exclusão ganham latência a partir de vários tipos de manifestação, como o *bullying* etc. A reivindicação pública de equivalência entre a homossexualidade e a heterossexualidade parece ser insuportável para esta ordem sociocultural imposta. A homofobia, como forma de violência, revela-se pelo medo de que a valorização desta identidade sexual seja naturalizada.

Com isso, no cenário da sociedade normativo-patriarcal, pautada no modelo cisgênero, heterossexual, machista e eurocêntrico, quando a “transgressão” é empreendida por um corpo negro e efeminado, a intensidade das violências parece ser maior. É fato que tal modelo social não mede esforços para violentar e invisibilizar aqueles que não estejam no seu patamar hierárquico. Conforme afirma Borrillo (2016, p. 34), esses tipos de violência não estão dissociados, ao contrário, a “homofobia baseia-se na mesma lógica utilizada por outras formas de inferiorização: tratando-se da ideologia

³ Sistema de poder e normatividade que coloca os homens, especialmente os heterossexuais, no centro das estruturas sociais, conferindo-lhes privilégios e autoridade (CONNELL, 2005). O termo "patriarcal" refere-se à predominância do papel do homem como figura de autoridade e poder nas instituições sociais, como a família, a política e a economia. Nesse modelo, os homens são frequentemente vistos como líderes e detentores de poder, enquanto as mulheres são subordinadas a eles.

racista, classista, antissemita, o objetivo perseguido consiste sempre em desumanizar o outro, em torná-lo inexoravelmente diferente”. Com o adendo do racismo estrutural ainda enraizado na sociedade, o corpo negro recebe maior impacto.

Partindo da perspectiva de que homens negros, como sujeitos sociais historicamente marginalizados, são alvejados por estereótipos⁴ que tipificam seus corpos e condutas com representações sociais e padrões culturais rígidos, a esses sujeitos, é atribuída uma sexualidade sempre viril, condicionados ao modelo hegemônico de heterossexualidade, desempenhando uma performance sexual quase que animalesca, ou seja, são estigmatizados com relação a genitálias hiperavantajadas e corpos hipersexualizados.

No imaginário ocidental, um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil como atributo que o emasculava ao mesmo tempo que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco (SOUZA, 2009, p. 100).

Nessa ótica, este imaginário coletivo é perceptível na forma como a masculinidade é representada no cinema, na televisão, na literatura, em peças publicitárias etc. Diante dos estereótipos forjados ao longo dos processos histórico-civilizatórios, ao desvencilhar a expectativa de algumas dessas características disseminadas, a não aceitação social parece se potencializar, até mesmo na comunidade *gay*, a partir disso se constrói um canal de falas racistas, homofóbicas, machistas. O percurso da homossexualidade negra é diferenciado, pois se vê delimitada por uma identidade negra. Do ponto de vista que a sexualidade do homem negro pressupõe regras específicas, não diferente será a construção da identidade que experiencia o fato do ser negra e *gay*. Nesse sentido, Marques Júnior (2011, p. 186) diz que,

⁴ Os estereótipos representam suposições ou rótulos sociais construídos em torno de características associadas a grupos específicos, destinados a influenciar normas e padrões sociais. Eles compreendem um conjunto de atributos geralmente atribuídos a membros de uma determinada comunidade social, constituindo, assim, uma generalização simplificadora que abrange aspectos diversos, como idade, etnia, gênero, orientação sexual, ocupação, nacionalidade, comportamentos, entre outros. Ademais, os estereótipos desempenham o papel de modelos que sugerem e impõem expectativas sociais como padrão em relação a um indivíduo vinculado a uma determinada coletividade (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009).

[...] é possível travar um diálogo sobre a não homossexualidade negra, pois o seu deslocamento se dá tanto em relação à heterossexualidade hegemônica, quanto ao seu papel enquanto negro. Ao mesmo tempo, o *gay* negro, aos poucos, vai percebendo que o interior da comunidade homossexual é perpassado por preconceitos e estereótipos relacionados ao seu corpo e à sua sexualidade que o distanciam do ideário de ser *gay*.

Nessa direção, o fato de negros e brancos *gays* ocuparem os mesmos espaços não significa que o racismo não se faça presente ou que outras formas de desigualdades e violência simbólica sejam anuladas. Pressupõe-se que o suposto sentimento de não pertencimento ao lugar refere-se aos aspectos que sentenciam o negro como “traidor de sua raça”, pois compreende-se as relações homoeróticas como prerrogativa do homem branco. Para alguns homens *gays* brancos ora ele será mais um negro no ambiente, ora será expurgado como objeto de “utilidade” do desejo físico, com toda a fetichização do corpo negro servil e mandado.

Na perspectiva dos muros que se impõem ao combate às desigualdades, salientamos as dificuldades de romper essas barreiras quando se há uma sociedade patriarcal autopromovente, a partir da qual a masculinidade hegemônica⁵ se sobressai, colocando-se no topo da “pirâmide social” referente às relações de gênero.

Nesse sentido, o patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, cujas estruturas e relações são centradas na figura do homem cisgênero, eurocêntrico, machista e heterossexual, o qual desfruta de uma posição de privilégios e dos poderes sociais, políticos e econômicos. Em contrapartida, as mulheres e os demais sujeitos que fujam da estrutura estabelecida como padrão são relegados à submissão e invisibilização, ou seja, à aplicação de uma hierarquização de gêneros na sociedade (CONNELL, 2005; LERNER, 2019). Assim, os grupos que fogem às regras são marginalizados perante a sociedade patriarcal. Desse modo, nesse modelo de sociedade, o homem é o que detém o poder, a autoridade moral e o controle sobre os demais gêneros, exercendo o domínio, a opressão e a exploração sobre os sujeitos diferentes e divergentes.

Nessa perspectiva, é possível dizer que este “padrão” também reflete na indústria cinematográfica. Uma pesquisa divulgada pela Agência Nacional de Cinema (Ancine),

⁵ A masculinidade hegemônica pertence a uma ideologia que privilegia alguns e desfavorece quem não cumpre as categorias de hegemonia (CONNELL, 2005). Nesse sentido, a masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

no ano de 2018, aponta que o cinema brasileiro é majoritariamente dominado por homens brancos. A pesquisa revelou que, dentre os 498 filmes analisados, 98% foram dirigidos por cineastas masculinos. Além disso, 75,4% das produções lançadas em 2016 tiveram direção a cargo de cineastas brancos. Quanto à desigualdade na representação étnica no cinema, no contexto dos elencos das produções, é interessante observar que, apesar de os negros (pretos ou pardos) constituírem mais de 50% da população brasileira, apenas 13,4% dos atores nos 97 filmes de ficção brasileiros lançados em 2016 eram pretos ou pardos.

No que diz respeito à representatividade de pessoas *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Travestis, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais* (LGBTQIAPN+⁶) no cinema internacional, de acordo com o relatório da Aliança de *Gays e Lésbicas* contra a Difamação (GLAAD, 2020), organização ativista estadunidense que mapeia a quantidade, qualidade e diversidade de personagens LGBTQIAPN+ em filmes lançados pelos oito maiores estúdios⁷ de cinema do mundo, o documento aponta que apenas 18,6% dos filmes lançados em 2019 incluíam personagens lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros e/ou *queers*. Embora ainda pequenos, esses números apresentam um ligeiro aumento de 0,4% comparado ao relatório do ano anterior. O documento também acentuou uma contínua queda em termos de diversidade racial de personagens LGBTQIAPN+ pelo terceiro ano consecutivo. Apenas 34% dos personagens LGBTQIAPN+ eram constituídos por pessoas negras. No ano anterior, esses números representavam 42% dos personagens, já em 2017, totalizavam 57% de representatividade negra LGBTQIAPN+.

Em 2018, a GLAAD, em seu relatório, convocou os principais estúdios de cinema para garantir que 20% dos lançamentos anuais incluíssem personagens LGBTQIAPN+ até o ano de 2021, e que 50% sejam inclusivos até 2024. Segundo o relatório de 2020, até então, quatro dos oito maiores estúdios de cinema do mundo atingiram a meta de 20% individualmente, sendo estes: *Paramount Pictures* (33%),

⁶ Neste artigo, utilizamos os termos *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Travestis, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e “mais” (+)*, sintetizados pela sigla LGBTQIAPN+, para designar pessoas fora do escopo dos padrões sexuais e de gênero tradicionais. O símbolo de “mais” ao final da sigla representa a inclusão de outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não estão em destaque na sigla.

⁷ Estúdios que tiveram as maiores receitas de filmes lançados no ano de 2019. Esses estúdios foram: *Lionsgate, Paramount Pictures, Sony Pictures, STX Films, United Artists Releasing, Universal Pictures, The Walt Disney Studios e Warner Bros* (GLAAD, 2020).

United Artists Releasing (29%), *Lionsgate* (25%) e *Walt Disney Studios* (21%). Essa representatividade é extremamente importante e necessária, haja vista que, conforme Mulvey (1983), o cinema é capaz de estabelecer um diálogo com uma das formas mais sensíveis do desafio da “presença da realidade” na imagem cinematográfica. Além disso, pode oferecer perspectivas reais sobre a sociedade que suscitam polêmicas oportunas para o debate público.

Em função disso, é possível perceber que o modelo patriarcal heteronormativo⁸, seja nos Estados Unidos ou no Brasil, ainda se configura como uma dinâmica dominante para o gênero e a sexualidade, principalmente, para o sujeito masculino LGBTQIAPN+. Quando se contempla a representatividade *Queer*⁹ nas telas, por exemplo, a figura do personagem negro homossexual, quando representada, quase sempre se constitui rechaçada com estereótipos, efeito do sistema de forças patriarcal alojado na indústria cinematográfica.

Na interconexão entre as várias formas de violência social, como o machismo, o racismo e a LGBTQIAPN+*fobia*, a afirmação de que essas diferentes manifestações de discriminação compartilham uma lógica subjacente salienta a universalidade do processo de inferiorização (BORRILLO, 2016). Essa assertiva sinaliza o reconhecimento das raízes comuns dessas opressões e a necessidade de refleti-las como parte de um sistema mais amplo de desigualdade e marginalização.

Dessa maneira, é possível afirmar que tanto o fenômeno do racismo quanto a LGBTQIAPN+*fobia* podem estar contidos nas produções cinematográficas. Conforme afirma Correia (2018), o cinema não é a própria representação da realidade, mas é uma criação dela própria, ou seja, se o imaginário racista está arraigado em uma dada sociedade suas produções cinematográficas tendem a refletir tal estrutura.

No meio audiovisual, os estereótipos da pessoa homossexual podem ser compreendidos como imagens preconcebidas de situações que tentam representar a

⁸ O termo "heteronormativo" relaciona-se à ideia de que a heterossexualidade é considerada a orientação sexual “normal”, portanto, padrão e normativa, a qual se estabelece como parâmetro para gerir e fiscalizar o comportamento, as performances e as ações de gênero, adequando-os às normas presumidas pela própria heterossexualidade e seus ditames de verdade.

⁹ A palavra inglesa *Queer*, utilizada por teóricos e ativistas, representa uma reapropriação de sentidos por parte da comunidade LGBTQIAPN+ sobre um termo pejorativo que significava “estranho”, “esquisito”, sendo equivalente no contexto brasileiro a expressões como "viado", "maricas" e "bicha". Louro (2004, p. 7) assim define: “[...] jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina”.

coletividade, caracterizadas pela uniformidade de ações, preferências e comportamentos. “Gays e lésbicas eram representadas como ‘um grupo minoritário, igual, mas diferente’; um grupo que buscava alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente” (LOURO, 2004, p. 32). Isso sugere que as representações LGBTQIAPN+ nos filmes, muitas vezes, tentaram enquadrar tal comunidade às normas sociais preexistentes, em vez de desafiar a violência simbólica à qual os sujeitos foram, historicamente, submetidos.

No entanto, Montoro (2009) traz uma perspectiva complementar ao argumentar que há um esforço para representar protagonistas homossexuais de maneira diversificada, enfatizando a necessidade de sobrepujar as barreiras histórico-sociais impostas culturalmente, e visibilizar as diferenças.

Isso significa que, de um modo geral, vencer o estereótipo do homem homossexual no cinema, principalmente o negro, é desagregá-lo das condicionantes representações sobre doenças, crimes hediondos, vícios quase incuráveis, prostituição, agressividade e violência, extravagância nos gestos e no figurino, ridicularização, pobreza, baixa escolaridade, personalidade de caráter duvidoso etc.

Sobre isso, em referência aos filmes nacionais, Moreno (2001) identifica três fases históricas da representação do personagem homossexual. Na primeira, entre as décadas de 1920 e início de 1960, o tema era tratado como um tabu, de modo que a figura do homossexual era quase “fantasmagórica”, ou seja, invisibilizada, “velada” na trama, mesmo que estivesse presente, não era vista como tal, e quase sempre associada à comédia.

Logo após, na década de 1960, ocorre a segunda fase, com um singelo aumento de filmes que abordavam o assunto de forma um pouco mais explícita, porém, ainda com resquícios dos tabus presentes na primeira fase. Na terceira, por volta da década de 1970, ocorreu um aumento de filmes que incorporaram a temática da homossexualidade. É nesse momento que, dando continuidade às tendências das fases anteriores, se consolida “um modelo de personagem homossexual que vai preponderar nas produções desta e das décadas seguintes, chegando a estender este modelo para diversos meios, como a televisão, através do gestual, e o rádio, através do modelo de voz” (MORENO, 2001, p. 74).

Diante desse contexto, emerge a constatação de que o fenômeno da temática homossexual, ao longo de meio século, foi ora tímida, ora constrangedoramente

explorada por produções cinematográficas, notadamente no cenário nacional, cujos enredos tangenciavam e relegavam o sujeito a papéis secundários, insinuando o constrangimento, a vergonha, o ridículo, a abjeção etc. como condições existenciais da homossexualidade masculina.

Diante dessas fases históricas descritas, podemos dizer que, ainda que a passos curtos, o cinema entrou em uma fase mais “ampla”, inclusiva e digna, de produções audiovisuais acerca da temática LGBTQAPN+, no Brasil e no mundo.

Essa ampliação de horizontes trouxe consigo uma safra cinematográfica relativamente recente, composta por obras notáveis, como *Madame Satã* (2002), de Karim Aïnouz; *Pariah* (2011), da cineasta Dee Rees; *Tatuagem* (2013), de Hilton Lacerda; *Moonlight: sob a luz do luar* (2016), de Barry Jenkins; *Corpo Elétrico* (2017), de autoria de Marcelo Caetano; *Rafiki* (2018), de Wanuri Kahiu; *Bixa Travesty* (2019), de Claudia Priscilla e Kiko Goifman, dentre outras produções. Esses filmes conferiram maior complexidade e autenticidade aos personagens homossexuais masculinos, além de explorarem outros aspectos pertinentes à comunidade LGBTQAPN+, tais como a configuração de famílias homoafetivas, as experiências emocionais e as dinâmicas sociais vivenciadas pelas personagens, condizentes com a vida real da pessoa humana etc.

Apesar da notável força política que se manifesta através das produções cinematográficas, projetando-se da tela para a sociedade em uma simbiose que se retroalimenta, é inegável que o preconceito e o silenciamento das discussões que envolvem a realidade das pessoas LGBTQAPN+ ainda persistem.

Diante do exposto, na seção a seguir, apresentamos um mapeamento de filmes produzidos de 2002 a 2022, cujos protagonistas são homens negros *gays*.

Entre planos, ângulos e ações: mapeando produções cinematográficas sobre o homem negro *gay*

Para chegarmos a uma parcela de produções cinematográficas cujas narrativas apresentem o desenvolvimento de personagens masculinas negras *gays*, a pesquisa fez uma busca, trilhando os seguintes critérios de seleção: *a)* produto audiovisual: filme ficção e documentário no formato de longa-metragem e longa reportagem; *b)* enredo: homem negro homossexual enquanto personagem principal da obra; *c)* recorte temporal:

2002 a 2022, correspondendo às últimas duas décadas de produções cinematográficas realizadas.

O emprego de tais critérios deu-se para desvendarmos as nuances quanto à imagética do homem negro *gay* no cinema, doravante marcada pelos domínios sobre a subjetividade e os enredos histórico-culturais sobre seus corpos.

Utilizamos o *Internet Movie Database* – IMDb como principal fonte de dados oficial. O IMDb, pertencente à Amazon, atualmente é uma das maiores bases de dados online do mundo, que reúne informações sobre cinema, TV, música e *games*. A plataforma existe desde 1989, e concentra as principais informações que envolvem a indústria do entretenimento. Além dessa fonte primária, também realizamos buscas em *sites* voltados à história e crítica cinematográfica, como *Filmow* e *Letterboxd*.

Na plataforma do IMDb, para utilização do método de busca avançado, faz-se necessária a utilização de terminologia em inglês, pois, ao utilizar os termos em português, observamos que a recuperação das informações repercutia “enviesada”, isto é, incompleta, comparado ao resultado com emprego dos descritores em inglês. Dessa forma, para o processo de busca nessa plataforma, utilizamos os descritores: “*gay*” (*gay*), “*black*” (*negro*), “*man*” (*homem*), *gay protagonist* (*protagonista gay*).

Para execução do mapeamento, iniciamos com uma pesquisa mais ampla, para recuperar o número máximos de filmes com personagens *gays*: protagonistas ou coadjuvantes. Para isso, utilizamos o campo “busca avançada”, com os termos “*gay*” (*gay*) e “*man*” (*homem*), na categoria “*feature film*” (*filme em longa-metragem*), para relacionar os filmes que apresentam personagens homens *gays*. Desse modo, foram recuperados 268 títulos (produções) que possuem homens *gays* no elenco de personagens, dentre os quais se destacam os gêneros: drama, comédia, romance e documentário.

Isso posto, para afinar e alcançar o escopo preterido pela pesquisa, além dos termos “*gay*” (*gay*) e “*man*” (*homem*), acrescentamos os demais descritores da pesquisa: “*black*” (*negro*) e *gay protagonist* (*protagonista gay*). Após o acréscimo do descritor “*black*” (*negro*), para filtrar as produções que apresentam homens negros *gay* como personagens da película, a relação dos filmes reduziu para 32 títulos. Em seguida, ao aplicar o descritor “*gay protagonist*” (*protagonista gay*), dos 32 filmes, apenas 14 produções possuem personagens homens negros *gays* como protagonistas.

Entretanto, ao navegar pela plataforma, verificamos que algumas produções cinematográficas que possuem personagens negros *gays* em seu elenco não estavam

sendo recuperados nessa busca. Para melhor exemplificar a navegação na plataforma, ao clicar em um filme através do *link* disposto, abre-se uma página contendo as informações relacionadas à película: sinopse, direção, país de origem, data de lançamento, elenco, orçamento, dentre outros dados técnicos. Nesse rol de informações, é listada uma série de palavras-chave atribuídas à produção.

Nesse aspecto, constatamos que alguns filmes com personagem masculino negro e *gay* estavam relacionados ao descritor “*gay african american*”. Diante disso, selecionamos esse descritor e, com isso, obtivemos o acréscimo de 9 títulos. Assim, na plataforma IMDb, no total, foram recuperadas 23 produções, cujos protagonistas são homens negros *gays*.

Nas plataformas alternativas ou não comerciais, como a *Letterboxdd* e *Filmow*, encontramos algumas listas de filmes com temáticas LGBTQAPN+. Na plataforma “*Filmow*” encontramos duas listas relacionadas a produções cinematográficas com personagens *gays* negros, intituladas: “*Gay negro em narrativas*”, com 16 produções, e “*Temática LGBT com Negros*”, com 56 filmes. Já na *Letterboxdd*, foi recuperada uma lista de filmes do Século XXI, com experiências negras *Queer*, de cineastas negros (diretores e/ou roteiristas), intitulada “*Queer, Black, 21st Century: a pride 2020 list*”, com 32 filmes. Após esmiuçar as listas, identificamos apenas 9 produções que narram histórias nas quais se destaca o personagem masculino negro e *gay*. Esses filmes se repetem nas listas de ambas as plataformas.

Elaborado o levantamento/mapeamento das produções cinematográficas, cujas narrativas enredam o homem negro *gay*, aplicamos os critérios de seleção correspondentes a: “personagem negro *gay* enquanto protagonista” e o recorte temporal (2002 a 2022), por compreendermos ser um período coerente para dimensionar a realidade contemporânea. Dessa forma, obtivemos o resultado de 32 produções, as quais estão elencadas por ordem cronológica crescente, na ilustração a seguir.

Quadro 1: Mapeamento das produções cinematográficas entre 2002 e 2022.

FILMES PRODUZIDOS EM FORMATO DE LONGA-METRAGEM						
Título	Gênero	Direção	Ano	País	Classificação indicativa ¹⁰	Plataforma de busca
<i>Madame Satã</i>	Drama/ Biografia	Karim Aïnouz	2002	Brasil	16 anos	<i>IMDb</i>
<i>Proteus</i>	Drama/ Romance	John Greyson, Jack Lewis	2003	Canadá / África do Sul	16 anos	<i>IMDb</i>
<i>Brother Outsider: The Life of Bayard Rustin</i>	Documentário	Nancy D. Kates, Bennett Singer	2003	EUA	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>NO!</i>	Documentário	Aishah Shahidah Simmons	2004	EUA	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>Noah's Arc</i>	Drama	Patrik-Ian Polk	2004	EUA	14 anos	<i>IMDb</i>
<i>The Ski Trip</i>	Comédia/ Romance	Maurice Jamal	2004	EUA	18 anos	<i>IMDb</i>
<i>Brother to Brother (De irmão para irmão)</i>	Drama	Rodney Evans	2004	EUA	16 anos	<i>Letterboxdd/ Filmow</i>
<i>Be Cool: O Outro Nome do Jogo</i>	Comédia	F. Gary Gray	2005	EUA	14 anos	<i>IMDb</i>
<i>FAQs - O Manual da Vida</i>	Drama	Everett Lewis, Joe Lia	2005	EUA	16 anos	<i>IMDb</i>
<i>Dirty Laundry (I)</i>	Comédia/ Drama	Maurice Jamal	2006	EUA	14 anos	<i>IMDb</i>
<i>Rag Tag</i>	Drama/ Romance	Adaora Nwandu	2006	Nigéria / Reino Unido	Não Classificado	<i>Letterboxd/ Filmow</i>
<i>Noah's Arc: Jumping the Broom</i>	Drama	Patrik-Ian Polk	2008	EUA	18 anos	<i>IMDb</i>
<i>Children of God</i>	Drama	Kareem Mortimer	2009	Baham as	16 anos	<i>Letterboxdd/ Filmow</i>
<i>The Big Gay Musical</i>	Comédia/ Musical	Casper Andreas, Fred M. Caruso	2009	EUA	16 anos	<i>IMDb</i>
<i>Fit (I)</i>	Drama/ Romance	Rikki Beadle Blair	2010	Reino Unido	Não Classificado	<i>IMDb</i>

¹⁰ Alguns filmes não possuem registro de classificação indicativa na plataforma IMDb ou no sistema “ClassInd” do Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil. Nesses casos, a plataforma IMDb utiliza a terminologia “Not rated” para indicar que não há registro de classificação etária de nenhum país. Para essa pesquisa, utilizaremos a terminologia “Não Classificado (NC)”.

<i>Call Me Kuchu</i>	Documentário	Katherine Fairfax Wright, Malika Zouhali	2012	Uganda	Não Classificado	<i>Letterboxd/Filmow</i>
<i>The Skinny</i>	Comédia/Drama/Romance	Patrik-Ian Polk	2012	EUA	Não Classificado	<i>Letterboxd/Filmow</i>
<i>The Happy Sad</i>	Drama/Romance	Rodney Evans	2013	EUA	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>Blackbird</i>	Drama	Patrik-Ian Polk	2014	EUA	16 anos	<i>Letterboxd/Filmow</i>
<i>Stories of Our Lives</i>	Drama	Jim Chuchu	2014	Quênia	12 anos	<i>IMDb</i>
<i>Nasty Baby</i>	Drama	Sebastián Silva	2015	EUA	18 anos	<i>IMDb</i>
<i>Naz & Maalik</i>	Romance/Drama	Jay Dockendorf	2015	EUA	14 anos	<i>Letterboxd/Filmow</i>
<i>A Cidade do futuro</i>	Drama	Cláudio Marques, Marília Hughes	2016	Brasil	16 anos	<i>IMDb</i>
<i>Moonlight – Sob a luz do luar</i>	Drama	Berry Jenkins	2016	EUA	16 anos	<i>Letterboxd/Filmow</i>
<i>Kiki</i>	Drama	Sara Jordenö	2016	Suécia/EUA	12 anos	<i>IMDb</i>
<i>The Pass</i>	Drama/Romance	Ben A. Williams	2016	Reino Unido	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>Os Iniciados (The Wound)</i>	Drama	John Trengove	2017	África do Sul	16 anos	<i>Letterboxd/Filmow</i>
<i>The Big Gay Hangover</i>	Comédia	Henderson Maddox	2017	EUA	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>Sócrates</i>	Drama	Alex Moratto	2018	Brasil	16 anos	<i>IMDb</i>
<i>The Breeding</i>	Drama/Suspense	Daniel Armando	2018	EUA	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>B-Boy Blues</i>	Drama	Jussie Smollett	2021	EUA	Não Classificado	<i>IMDb</i>
<i>The Inspection</i>	Drama	Elegance Bratton	2022	EUA	18 anos	<i>IMDb</i>

Fonte: Elaboração própria.

Diante do mapeamento realizado, é possível constatar que, das 32 produções encontradas, aproximadamente 70% foram produzidos pelos Estados Unidos da América, isto é, 21 filmes, com apenas uma coprodução (Suécia/EUA). Nas demais produções, contabilizando as coproduções, destacam-se 5 filmes Africanos (um com coprodução Canadá/África do Sul), 4 europeus (2 coproduções Nigéria/Reino Unido e Suécia/EUA), 3 filmes produzidos pelo Brasil, e somente um da América Central (Bahamas).

Diante do exposto, destacaremos algumas películas mapeadas que, embora sejam de países diferentes e roteiros distintos, de alguma forma, suas narrativas se circunscrevem.

Dentre as produções americanas, *Moonlight: sob a luz do luar* (2016) aborda as três fases (infância, adolescência e fase adulta) da vida do protagonista, *Chiron*, um negro, homossexual e marginalizado. A narrativa do protagonista perpassa pelas problemáticas do *bullying* na escola, perpetrado por seus colegas através de atos de discriminação e homofobia, ao mesmo tempo em que começa a explorar e compreender sua própria identidade sexual, confrontando e descobrindo sua orientação sexual homossexual.

Outro filme americano que desenvolve uma narrativa que protagoniza esses sujeitos marginalizados por uma sociedade normativa e patriarcal intitula-se “De Irmão pra Irmão” (2004). O roteiro aborda a história de um jovem negro homossexual, num momento de crise existencial e solidão, que, ao visitar um abrigo, conhece um idoso, também homossexual, que lhe conta histórias da sua juventude. O filme aborda a luta pelo poder político dos negros, a realidade negra e homossexual, explicitando a rejeição que o protagonista enfrenta por ser *gay*.

Conforme preconiza Borrillo (2016), invariavelmente, os sujeitos que se afastam do “modelo de referência” (heteronormativo) estão suscetíveis às atitudes de hostilidade e desprezo por parte desse sistema normativo patriarcal. Essa normatização resulta na marginalização de toda e qualquer orientação sexual divergente da heterossexual. É nesse aspecto da estrutura da matriz heterossexual que encontramos a heteronormatividade, a qual se caracteriza como a concepção de que somente relacionamentos entre pessoas de sexos opostos, ou seja, heterossexuais, são considerados como os padrões corretos ou normais na sociedade (JUNQUEIRA, 2007; MISKOLCI, 2021).

Nessa óptica, filmes como o queniano “*Stories Of Our Lives*” (Histórias de Nossas Vidas, 2014), o primeiro que fala abertamente sobre a homofobia imperante no Quênia, enfrentam inúmeros atos de censura. O filme foi proibido no país com a justificativa que “promove a homossexualidade”¹¹. O documentário narra histórias reais sobre as hostilidades que a comunidade *gay* enfrenta diariamente no país, desafiando a norma ao dar voz e visibilidade a pessoas LGBTQIAPN+ africanas, cujas histórias raramente são ouvidas nas mídias globais.

Conforme mencionado, o Brasil vem ampliando seu leque de produções cinematográficas com temáticas LGBTQIAPN+. Entretanto, diante do mapeamento realizado, fica evidente que o país ainda carece voltar suas lentes para narrar histórias de

¹¹ Cerca de 32 países africanos possuem leis que criminalizam pessoas homoafetivas, inclusive com pena de morte (ASSIS, 2023).

homens negros homossexuais enquanto protagonistas de narrativas fílmicas. Das 3 produções mapeadas, destacamos “Madame Satã” (2012). A cinebiografia narra a trajetória de João Francisco dos Santos, uma figura notória na Lapa, bairro do Rio de Janeiro, durante a década de 1930. O protagonista, caracterizado marginal, homossexual, negro, pobre, artista e transformista, assume a identidade de Madame Satã quando se apresenta nos palcos, tornando-se uma figura icônica na vida noturna carioca.

O filme sistematicamente delinea a condição de subalternidade (BORRILLO, 2016) que o protagonista enfrenta nas interações sociais. A experiência de João, enquanto indivíduo pertencente às categorias sociais de homem negro e *gay*, exige que ele prove sua valia com o dobro de esforço para ocupar determinados espaços na sociedade.

Assim sendo, os filmes apresentados trazem protagonistas negros e homossexuais que, à sua maneira, desconfiguram o padrão normativo da masculinidade hegemônico-patriarcal. Não obstante, deixam claro que as identidades e as escolhas desses personagens, já marginalizados, acarretam um conjunto de experiências de sofrimento e barreiras de natureza social.

Diante do exposto, é notório o fio condutor de similaridade entre os filmes aqui discutidos, posto que, de alguma forma, abordam questões sensíveis à condição humana referente a gênero e sexualidade, revelando as complexidades da vida de pessoas que enfrentam a discriminação e a invisibilidade em uma sociedade que frequentemente as marginaliza. Cada narrativa oferece uma visão única e íntima das lutas, triunfos e desafios que tais sujeitos enfrentam em suas vidas cotidianas, como homens negros *gays*.

Considerações finais

Em um cenário de vinte anos de produção fílmica que protagoniza homens negros *gays*, a pesquisa constatou o quanto tais produções ainda é incipiente, sobretudo, no cenário nacional. Ficou comprovado que a indústria cinematográfica americana assume um papel dominante na quantidade de produções sobre o fenômeno, o que já era esperado. Ações como políticas de representatividade, que estabelecem metas para que os estúdios realizem produções que contemplem a comunidade LGBTQIAPN+ em suas narrativas e personagens (GLAAD, 2020), têm contribuído para esse número expoente.

Há de se considerar que a representatividade de homens negros *gays* no cinema tem passado por uma evolução ao longo do tempo. No entanto, ainda há muito a ser feito

para garantir que esses personagens sejam retratados de maneira justa e diversa nas produções cinematográficas. É necessário que a indústria cinematográfica seja mais inclusiva e aberta à diversidade de narrativas referentes a etnia, gênero e sexualidade.

Assim, a autenticidade das narrativas emerge como um princípio vital na representação de homens negros *gays* no cinema. A criação de histórias que se alinhem às experiências reais e evitem estereótipos é uma maneira de desafiar noções preconcebidas e fomentar um entendimento mais compatível com os direitos e com a dignidade humana.

É crucial promover oportunidades para cineastas e criadores negros *gays*, a fim de permitir que suas vozes encontrem espaço nas produções cinematográficas. Além disso, devemos reconhecer que a representatividade no cinema é influenciada por desigualdades sistêmicas, e a própria indústria cinematográfica desempenha um papel significativo na mudança desse cenário, oportunizando *lugar de fala* condizente com uma das novas ordens mundiais para o século XXI: o respeito à diversidade e às diferenças.

Referências

ANCINE. **Estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado audiovisual.**

Ministério da Cultura, 25 de janeiro de 2018. Disponível em:

https://www.gov.br/ancine/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/apresentacoes/MARCachoeira_LUANARUFINO.pdf. Acesso em: 02 mar. 2023.

ASSIS, Vinícios. **O GLOBO.** “Homofobia estatal: na África, 32 países criminalizam pessoas LGBTQIAP+, e cerco se amplia”. 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/04/homofobia-estatal-na-africa-32-paises-criminalizam-pessoas-lgbtqiap-e-cerco-se-amplia.ghtml>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CARVALHO, M. de; ANDRADE, F. C. B. de; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual:** um glossário. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em:

<https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/genero-e-diversidade-sexual-um-glossario>. Acesso em: 04 abr. 2023.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities.** 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 02 set. 2023.

GLAAD. **Eighth annual studio responsibility index**. Gay & Lesbian Alliance Against Defamation. 2020. Disponível em: <https://www.glaad.org/blog/glaads-studio-responsibility-index-sees-highest-recorded-percentage-lgbtq-films-racial>. Acesso em: 05 jul. 2021.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: FUNART/UDUFF, 2001.

MONTORO, Tania. Protagonismos de gênero nos estudos de cinema e televisão no País. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, dez., 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/download/21034/11409>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A Experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983. p. 435-454. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/folder/view.php?id=2777585>. Acesso em: 02 mar. 2023.